CONHECIMENTOS UTEIS.

TRILHOS.

72 A utilidade e extraordinaria vantagem dos trilhos para a debulha dos trigos e cevadas vai hoje sendo geralmente reconhecida. Em differentes artigos d'este jornal se tem feito d'isto expressa mensão, e mui designadamente no artigo 3,380 do IV v. Hoje que é occasião de trabalhos em que elles se carecem e usam, julgámos a proposito o presente artigo acompanhando-o do desenho ou gravura supra.

Representa a dita gravura um dos trilhos de que geralmente se usa na comarca de Torres-Vedras e circumvizinhanças, mui pouco dispendioso, pois seu custo não excede de 6$000 a 7$200 réis o maximo.

As peças lateraes em que giram os cylindros debulhadores são de 5 palmos e 3 quartos de comprido, tres polegadas de grossura, nove ditas de altura. Os rôlos ou cylindros tem de largura de um a outro 3 polegadas e meia; de grossura, cada rôlo, tres polegadas, e comprimento cada um 5 palmos e 3 quartos. São oitavados, e em cada uma das arestas tem pregados vinte pregos, ficando em direcção desincontrada.

Cada uma das ditas arestas leva de 20 a 21 pregos, e portanto cada cylindro 164 a 165, e os cinco cylindros 830 a 835 pregos. Os pregos são de 2 e meia polegadas de altura, e ficam cravados na madeira polegada e meia, e fóra da madeira a polegada restante; de maneira que se não toquem os de um cylindro com os de outro, e, pelo contrario, fique espaço para dar sahida a alguma palha, que se involve por entre os ditos pregos, e para, na phrase vulgar, se não ingasgar.

Para se conseguir o bom resultado do trilho representado na estampa, muito convem que a eira seja grande e espaçosa, de maneira que deitado o calcadoiro não fique este em grande altura, pois que a maior altura difficulta ao principio o bom trabalho do trilho e rodado dos rôlos.

Quando se debulha com o trilho, e ao mesmo tempo com alguma cobra de gado, ainda que o calcadoiro fique mais alto não faz obstaculo, pois se lhe mette a cobra de gado dentro, e uma ou duas tornas depois se lhe mette o trilho.

Este feitio do trilho é muito accommodado para ser puxado por bois, pois ainda que o não seja com grande velocidade produz optimo resultado: quaesquer dois bois ainda muito pequenos, ou duas vaccas, ou dois burros, o movem, e cada trilho faz bem o serviço para que eram necessarios oito rezes de gado vaccum. Um so trilho, pode-se calcular que debulha em uma sésta regular um moio de trigo, ficando a palha mui bem feita, e maior quantidade ficando a palha mais mal feita.

A madeira para o trilho pode ser pinho, choupo, faia, ulmo etc. Costuma de ordinario ter por cima duas taboas para poder ir em pe ou sentado o homem que tange o gado, ou uma pedra maior ou menor para fazer pêso, que deve ir augmentando á proporção que se vão dando as tornas ao calcadoiro. Os pregos vende-os em Lisboa o Sr. João Lourenço na sua fabrica á Fundição a 1$600 rs. o milheiro. Um carpinteiro gasta quatro dias na feitura de um trilho de cinco rôlos como representa a estampa, e cinco sendo de sette rôlos, que tambem são muito usados. A madeira pode custar de 800 a 2:400 rs. conforme a qualidade e localidade.

O que temos em exercicio na presente debulha em a nossa Quinta da Piedade em 'S. Quintino', produz optimo resultado. Um modêlo se póde ver n'este escriptorio da REVISTA para onde o mandámos.

Em breve, se o tempo o permittir, daremos a estampa e descripção de uma machina importada da Hispanha a que allí chamam *rostillo*, e que lá empregam pará o que chamam rostilhar o trigo, e nós chamaremos *sachador* de trigos, e que ja este anno pela primeira vez ensaiámos e com alguma vantagem.

Lisboa 30 de julho de 1845.

A. M. R. da Costa Holtreman.

UM CASO RARO EM CIRURGIA.

73 Ha quasi um mez foi intregue n'esta Redacção a noticia seguinte:

«Era o dia de S. Martinho de 1842 — Em uma casa ao Arco-do-Cego, dois cabazeiros haviam ceado lautamente, como em taes dias é costume: provavelmente o Santo foi festejado com repetidas libações; o caso é que um d'elles, por causa de uns patacos falsos crava uma enorme navalha no lado direito do peito do outro entre a setima e oitava costella. O pobre cabazeiro depois de curado n'uma botica é conduzido n'uma maca ao hospital, ás 9 horas da noite — habeis facultativos curam a ferida, depois de procurarem debalde algum corpo extranho — o homem sahe passados mezes, soffrendo do peito — é tractado como ptysico — cura-se d'este incommodo, mas sente picadas nos lombos, e urina sangue, assim continúa soffrendo até junho de 1845, sem que facultativo algum podesse adivinhar o seu soffrimento. Então por conselho da junta do hospital, vai para a infermaria de Santo-Onofre, onde o Sr. Joaquim Theotonio da Silva lhe reconhece a presença de um corpo extranho proximo da nadega esquerda, faz uma larga incisão e extrahe o ferro de uma enorme navalha, que tem quatro pollegadas de comprido e uma de largo na base, estando já enferrujada! Note-se que a facada foi do lado *direito* no meio do *peito*, e o ferro appareceu na *nadega esquerda*, e que hão decorrido quasi *tres* annos depois da fatal ceia. — O doente está quasi bom hoje 28, tres dias depois da operação. — O cirurgião Theotonio vai redigir a observação para a remetter ao jornal da sociedade das

Sciencias Medicas de Lisboa. Todos os facultativos teem visto com admiração um facto tal.

Um Cirurgião.

Como veio sem assignatura duvidámos publical-a sem informações em que tivessemos plena confiança. Consultámos sôbre tam estupendo acontecimento um illustre Lente do Hospital, cujos talentos são geralmente reconhecidos, o qual se dignou asseverar-nos que o facto era verdadeiro; que elle mesmo tinha tido na sua mão o punhal, que hoje possue o cirurgião operador, e accrescenta:

« É raro, mas no *Dic. das Sciencias Medicas* referem-« se outros identicos, e mais estupendos. Estas cor-« rerias pelo corpo humano de corpos extranhos são « conhecidas debaixo do nome de migrações. Alfine-« tes, agulhas, e balas, todos os dias fazem d'estes pas-« seios; mas um corpo como este, cortante e ponta-« gudo, existir, perto de tres annos, nos lombos de um « homem—é realmente admiravel! »

MACHINA DE TERRAPLENAR.

74 No caminho de ferro do Havre, ora em construcção, imaginou-se uma machina para fazer os terraplenos de que me pareceu dever dar noticia: é um vasto cylindro de 15 metros de comprido, que tem de uma banda trezentas pás de inchada e da outra umas poucas de calhas de ferro. Este cylindro é movido por vapor, os inchadões levantam a terra que é recebida nas calhas e despejada em carretas que a levam. Ésta machina desinterra 50 metros cubicos de terra em tres minutos.

CAMINHOS MUNICIPAES.

75 Desejando corresponder á excessiva benevolencia com que a Revista Universal Lisbonense honrou o meu artigo sôbre a excellente obra 'O vinhateiro' que o sr. Dr. Rubião está publicando, e contribuir para o bem do paiz quanto o permittirem as minhas faculdades e experiencia, não deixarei de escrever os artigos que forem sendo mais opportunos sôbre agricultura e economia-rural, accommodados ao nosso reino; da mesma fórma que a 'academia de industria franceza' o pratica no seu jornal com applicação á agricultura, industria e commercio da França.

E por quanto estes mananciaes da subsistencia e prosperidade nacional dependem da sua mutua convivencia e auxilio reciproco, e da cooperação simultanea das diversas instituições e medidas, que apontei naquelle artigo sôbre 'O vinhateiro', a começar por bons caminhos municipaes; por isso destino o presente artigo a caminhos de municipio, e lançarei outros depois sôbre o commercio e a sua ligação com a agricultura e industria-nacional, e formação de sociedades de agricultura e industria, como preliminares aos de agronomia e economia-rural, que ficariam estereis sem essa coadjuvação effectiva e simultanea.

Na escalla ascendente de estradas apresentam-se em primeiro logar os caminhos de cada concelho prendendo com as estradas centraes dos respectivos districtos administrativos, e éstas com as geraes do reino e provincias, que são as grandes arterias da circulação e movimento da lavoira, industria e commercio interno, e dos excedentes para o externo.

Á vista do unanime patriotismo e porfia, com que hoje se occupam de estradas de facil e rapido movimente, os povos e governos de todos os paizes civilizados, capitular-se-hia inimigo da civilização, agricultura, industria, e commercio nacional, qualquer portuguez que directa ou indirectamente tentasse estremecer ou intibiar a execução das medidas, adoptadas pelo govêrno e camaras legislativas, sôbre estradas geraes do reino e provincias, ou sôbre as centraes dos districtos administrativos, e as municipaes de cada concelho, que urgentissimamente se precizam.

Toda a agricultura do reino, e a industria immediatamente connexa com ella, reduzem-se e vão parar no que se cria, desinvolve e produz em cada concelho: e por isso são de primeira necessidade os bons caminhos municipaes de cada concelho, que servem ao proprietario e lavrador na conducção de matos, estrumes, sementes, e plantas para a grangearia e cultura das suas terras, e dos materiaes para a construção ou reparo de edificios ou officinas de habitação, lavoira, e economia-rural; para recolher as producções e transportar as que forem destinadas aos respectivos mercados, ou pontos de depozito: servem aos estabelecimentos industriaes para conduzir as materias brutas, e transportar os productos aos seus mercados ou depozitos: servem aos comparochianos para frequentarem os actos da religião e culto divino nas igrejas das suas freguezias, e se administrarem os sacramentos aos infermos: servem a todos e cada uma das aldêas e seus moradores de qualquer classe para facilitarem entre si os vinculos e commodos de vizinhança, e gozarem de todas as vantagens economicas, civis, e administrativas, que lhes dimanam das competentes auctoridades do respectivo concelho.

Desde a instituição das municipalidades, que alias precedeu e acompanhou a fundação e extensão da monarchia, foi sempre uma das principaes attribuições das camaras municipaes reparar e conservar em estado de bom serviço os caminhos do concelho, e abrir os que se precizassem: n'esta conformidade se vê legislado na ord. liv. 1.° tit. 66, consignando para isso os meios e providencias economicas, segundo os tempos, e a par da melhor legislação coeva dos paizes extrangeiros: e n'essa mesma conformidade se acha hoje sancionado no codigo administrativo, titulo 2.° capitulo 1.° secção 7.ª; consignando os meios e providencias, segundo a primitiva instituição das camaras municipaes, com accomodação ao nosso governo representativo, e segundo a doutrina dos governos representativos da Europa.

Ja em outro artigo, publicado n'este jornal, procurei excitar o zêlo das camaras municipaes para assignalarem o seu patriotismo com bons caminhos de municipio; agora porém, que chegou a vez de se construirem estradas geraes do reino e provincias, não duvido em renovar as mesmas diligencias, a fim de que, em quanto se fazem aquellas estradas, se esmerem e rivalizem as camaras municipaes acudindo aos seus concelhos com bons caminhos, que vivifiquem desde logo a sua agricultura, industria, e mercados proximos, e aproveitem para os mercados distantes as estradas geraes á proporção que se forem fazendo.

Portanto; a necessidade, a civilização, o interesse vital do paiz e o patriotismo, fallam ao coração, cha-

racter e pondunor das camaras municipaes para proverem os seus concelhos de bons caminhos; cuja obra alias se simplifica pela sua facil execução scientifica e prática, e pelos meios a isso accommodados.

Comeffeito, toda a sciencia theorica e prática de bons caminhos municipaes se reduz ao seguinte: 1.° que tenham capacidade para o serviço de um carro de lavoira carregado com a mais volumoza carga de mato ou feno que possa conduzir, e podêr passar a um lado um homem de pe ou a cavallo: reservando, a distancias razoaveis, capacidade sufficiente para passarem dois carros um ao lado de outro, ou uma cavalgadura carregada ao lado de um carro; e onde os caminhos fizerem voltas á direita ou esquerda dirigir essas voltas em redondo, e com desafogo bastante para passarem carros carregados de arvores ou madeiras do maior volume ou comprimento, que se possam transportar: 2.° que sejam planos, quanto fôr possivel, cortando e rebaixando as elevações interjacentes do terreno que a isso obstarem; suavizando as subidas ingremes, ou as decidas precipitadas, com a direcção dos caminhos pelas mais faceis e eguaes ondulações dos montes; e mettendo-se de permeio valles fundos intulhando-os até á possivel altura para ganhar ou conservar toda a possivel suavidade no seguimento do caminho, havendo sempre a precaução de fortificar os intulhos com arbustos vivazes bem unidos, e munil'os de olhaes que escoem o maior volume e peso d'aguas que possam concorrer nos respectivos valles. Tudo isto descança no principio de que os caminhos planos proporcionam aos transportes poderem levar toda a sua carga com menor fadiga e deterimento dos animaes e transportes, e de que, pelo contrario, os caminhos de ingremes subidas, ou precipitadas descidas, impedem os transportes de levar toda a sua carga, arriscam a cada passo a carga, transportes e animaes, e em todo o caso os deterioram e fatigam: 3.° que tenham a superficie bem egual e compacta, com o pizo ao mesmo tempo solido e macio, formando-se para isso a mesma superficie, aonde fôr preciso, com camadas de borgau, cascalho, ou fragmentos de pedreiras; e abandonando a formação de calçadas sempre mais dispendiozas, e sempre incommodas e mortificantes para os homens, transportes e animaes, que por isso as evitam abrindo passagem aos lados, devassando as fazendas abertas, e invadindo as fechadas. Pelo que, nos locaes e casos em que se recorria a calçadas, e na falta de burgau, cascalho, ou fragmentos de pedreira, devem as pedras, que o seriam de calçada, ser quebradas á marreta e reduzidas a pequenos fragmentos, e formar-se a superficie do caminho com camadas d'esses fragmentos, lançando por baixo os mais grossos e por cima os mais miudos; o que tudo é de muito facil e economica execução e expedição. 4.° que, ou para mais promptamente se amaciar e fazer compacta a superficie dos caminhos, ou para se conservarem, devem os carros usar de rodas com chapas de rasto de duas polegadas e tres quartos de largura, e os pregos imbutidos n'ellas; por ser demonstrado que ésta largura corresponde ao maximo pêso da carga dos carros ordinarios de lavoira ou transporte, e reune todas as vantagens de economia, e bom serviço particular e publico; abandonando-se o perniciozo abuso ou ignorancia de carros com rodas cortantes, que, em vez de rodarem pelos caminhos os cortam, rompem e destruem com prejuizo público, e com o contra-senso de arruinarem assim os caminhos os mesmos que mais particularmente os aproveitam, e precizam em bom estado de serviço: 5.° que sejam, e se conservem sempre inxutos na superficie, tendo para isso aos lados escoantes das aguas nativas ou das chuvas; e os dos lados, a que forem sobranceiras fazendas ou montes, devem ter capacidade para receber e conduzir todas essas aguas das maiores chuvas até aos pontos da sua natural sahida para os sitios inferiores: e quando para isso tiverem de atravessar o caminho, se praticará n'elle um boeiro que conduza todas essas aguas por baixo do caminho, guardando-se a regra de que nunca devem passar e atravessar pela superficie dos caminhos aguas nativas, ou das chuvas. Com esta providencia lucram especialmente os proprietarios das fazendas aos lados inferiores dos caminhos, se quizerem ou souberem tirar partido das aguas turvas das chuvas em beneficio das suas fazendas: 6.° que, sempre que os caminhos forem ou seguirem em terrenos ou logradoiros do concelho, se plantem aos lados d'esses caminhos, e em todos esses logradoiros, arvores adaptadas á qualidade dos terrenos, e pelas quaes se obtenha e combine o agradavel com o util.

Agora quanto a meios.

É condição essencial de qualquer municipalidade instituida, ou que se haja de instituir, comprehender um concelho de razoavel extensão e população idonea para os encargos e cargos municipaes, e ter os rendimentos e meios necessarios para os diversos objectos de serviço municipal, e entre estes para bons caminhos do concelho.

Segundo a citada legislação, anterior ao govêrno representativo, é certo que os meios das municipalidades para bons caminhos não se limitavam aos rendimentos do concelho, mas principalmente consistiam na cooperação dos serviços pessoaes, e transportes dos moradores do concelho; ficando á prudencia das camaras verificar e applicar esses meios aos seus concelhos nas occaziões e estações mais opportunas.

Pela legislação do citado Cod. administrativo, accommodada ao govêrno representativo dominante, estes são egualmente os meios das camaras municipaes para proverem os seus concelhos de bons caminhos; e estes meios descançam no principio essencial e constitutivo das municipalidades, de que para os caminhos, que aproveitam e servem a cada uma d'ellas, devem concorrer proporcional e simultaneamente o todo de cada concelho, e os moradores das respectivas aldeas e freguezias, a quem mais immediatamente aproveitarem e servirem os mesmos caminhos.

Debaixo d'este principio, as camaras municipaes conseguiriam prover de bons caminhos os seus concelhos sem vexame de alguem, mas antes com suavidade e proveito immediato de todos: 1.° determinando e escolhendo para essas obras os intervallos, que se seguem aos trabalhos da lavoira e das colheitas, que deixam desafogados e desocupados em grande parte os jornaleiros, os proprietarios e lavradores, e os carros e carreiros: 2.° consignando para os caminhos de cada aldea e freguezia os serviços pessoaes dos seus respectivos moradores: 3.° e porque o objecto mais importante para a execução e expedição da obra d'estes caminhos consiste nos transportes e carretos de pe-

dra, borgau, cascalho, ou fragmentos de pedreira, e dos intulhos que se removem ou acarretam; por isso é necessario e justo que todo este serviço se faça pela cooperação egual dos carros que houver nas respectivas aldeas e freguezias, tanto mais quanto é maior, immediato e quotidiano, o proveito que os mesmos carros tiram d'esses caminhos; e será raro, que os proprietarios de fazendas proximas, ou confinantes com os caminhos, além das outras vantagens, não tirem ou a de limpar as suas fazendas de pedra miuda, borgau, ou cascalho, que se lance nos caminhos, ou a de aproveitar os intulhos sobejos para formar ou aperfeiçoar vallados, que tapem, protejam, e utilizem as fazendas confinantes.

Com estes meios, assim baseados no patriotismo e interesse vivo de cada um e de todos os moradores de cada concelho, conseguirão as camaras municipaes prover os seus concelhos de bons caminhos, e merecer as bençãos dos mesmos concelhos.

Terminarei, confirmando com a propria experiencia o que deixo escripto.

Em 1811 indo tomar posse do logar de juiz de Fóra d'Almada achavam-se as ruas e praças da villa em tal estado de ruina que o segundo veriador não pôde assistir á minha posse por estar de cama com uma perna quebrada, e a tinha quebrado ao sahir das casas da camara cahindo em um barranco, que existia na praça do pellourinho; e os caminhos do concelho estavam pessimos, e em alguns sitios intranzitaveis a ponto de se não poderem administrar os sacramentos aos infermos.

Desde as primeiras sessões da camara passei a examinar com os veriadores os meios que tinhamos para tão urgentes obras, e montando a pouco o dinheiro da municipalidade, resolvemos convocar, além de outras pessoas de diversas classes, os principaes proprietarios e lavradores da villa e aldeas do conselho, e os priores das freguezias, afim de assegurar-mos com plena satisfação de todos a necessaria cooperação para as obras, e principalmente o serviço dos carros para todas as conducções e transportes de pedra e intulhos. As pessoas convocadas não so se prestaram a toda a cooperação preciza, mas as que moravam em aldeas, aonde não residia algum dos veriadores, offereceram-se para vigiar e zelar as obras dos caminhos proximos, o que se aceitou: e os priores declararam aos seus freguezes que podiam dar carradas de pedra ou intulho para as obras dos caminhos nos domingos e dias santos até ás 8 horas da manhan, pois que era a bem do serviço público e da religião.

Com estes meios, assim applicados e zelados em cada local, e em toda a parte, se pozeram em estado de bom serviço os caminhos do concelho, rivalizando as aldeas e freguezias a qual o faria mais depressa e melhor; e a villa appareceu reformada, bem servida, e aformozeada em todas as ruas, travessas, praças, intradas e sahidas.

Dir-se-ha, mas isso fez-se e podia fazer-se, porque os povos não pagavam os tributos que hoje pagam: responderei, que então se pagavam dobrados por contribuição de guerra — o patrimonio real — as decimas civis — e todos os mais tributos a esse tempo existentes; pagavam-se no conselho de Almada oitavos e jugadas; e sôbre tudo pagavam-se dizimos, que não só excediam em mais do quadruplo todos os outros tributos juntos, mas elles só por si excediam muito todas as contribuições de propriedade territorial que hoje se pagam: o que tudo verifiquei então officialmente sendo ao mesmo tempo superintendente das decimas, e administrador dos dizimos da commenda de Almada; e hoje o verefico em particular confrontando as contribuições que pago pela minha propriedade territorial, e o que deixei de pagar de dizimos extinctos.

Fizeram-se, pois, aquellas obras e caminhos do concelho de Almada, quando alli e em toda a parte do reino, se pagavam mais e maiores contribuições territoriaes do que hoje se pagam; e para éstas se poderem melhor pagar, e apar d'isso se podêr desinvolver agricultura, industria, e commercio nacional, nada se preciza com mais urgencia do que bons caminhos municipaes em todos os concelhos do reino.

Lisboa 12 de julho de 1845.

Luiz Antonio Rebello da Silva.

RESTAURAÇÃO DAS ARVORES.

76 Muller, celebre economista allemão, indica o seguinte meio para fazer reverdecer as arvores que estiverem achacadas de mal, ou começando a seccar.

Devem-se despojar da casca exterior as partes da árvore que estiverem meias sêccas ou tocadas, e untal-as com therebentina durante a hora do sol. Pouco tempo depois, essas partes, que foram untadas, apparecerão cobertas d'uma especie de laca que impede que o ar ahi penetre, e bem depressa a árvore começará a ter um novo vigor. Por este meio tem-se conseguido que algumas árvores quasi sêccas tenham novamente no fim de um anno uma bella e espantosa vegetação.

O pêco e as chagas são os dous peiores males que dão nas árvores. Para os remediar é precizo tirar fóra a parte que tem qualquer d'estes males, com um instrumento bem afiado, e escarificar a madeira até á parte offendida com azedas, e modo que o succo penetre na madeira. Este remedio é radical, e taes árvores nunca mais serão atacadas d'este mal.

Quando uma arvore começa a dar visos de querer seccar é precizo raspar com muito cuidado o musgo que lhe cobre a casca; cortar os troncos mortos ou inuteis, e estercar muito bem o terreno que fica á roda d'ellas. E' este um meio seguro que nunca tem falhado.

PROCESSO DA GRAVURA EM VIDRO.

77 A gravura em vidro funda-se na acção que o acido fluorhydrico exerce sobre a scilica. Para gravar em vidro emprega-se o acido fluorhydrico, liquido ou gasoso; sendo liquido dá traços opacos, e sendo gasoso dá traços transparentes. Para este effeito cobre-se o vidro com uma capa de cêra e terebintina, sôbre a qual se deve gravar com buril o desenho que se quer, de maneira que o vidro fique descoberto nos logares onde penetrou o buril; estes expõe depois a acção do acido, que se desinvolve n'esses logares. Em poucos minutos a opperação é terminada: e póde tirar-se a capa de cêra e terebintina que a gravura está feita. *(Communicado.)*

RECOVAGEM.

(Roulage, Rodagem)

78 Chegados ao tempo em que os ânimos começam

a considerar na necessidade de olhar para a superficie da terra em Portugal, e que não basta por fórma de oração fallar em canaes e estradas, mas que é indispensavel tractar de fazer uma e outra coisa, se quizermos melhorar a existencia material do paiz, e que não venha elle a perecer de barbarie; chegados a este tempo, repito, em que a vontade se inclina a pensar que para além dos muros da cidade de Lisboa, existem provincias em Portugal onde habitam tambem creaturas portuguezas, que nunca se viram umas ás outras; não será talvez fóra de proposito apresentar algumas noções sobre a nossa recovagem, isto é, sôbre a quantidade de productos que poderá haver para transportar sôbre o nosso territorio, e quanto o custo d'esse transporte.

Em Portugal até agora cuidou-se pouco ou nada da arithmetica social; a technologia é quasi uma sciencia virgem para este reino. Quem consultar a estatistica intellectual dos nossos antepassados, e mesmo a dos nossos contemporaneos, hade achar que toda a sua litteratura se compõe de estudos feitos em gabinete, quando não seja peior em — claustro, e esses mesmos elaborados com pouco ou nenhum criterio, gôsto, ou liberdade; encomiasticos e apologeticos pela maior parte, cheios de hypocrisia, trocando sempre a verdade, e vertendo pelas suas paginas desprêzo e supina ignorancia pelas conveniencias do homem, e dos seus commodos, na sociedade.

Uma demonstração sem réplica da importante asserção que avanço e que prefixa a fatal razão dos nossos destinos ha tres seculos a ésta parte, está nos nossos catalogos bibliographicos. Quem se der ao cuidado de resumir por classes os auctores e suas obras que vem na bibliotheca lusitana, se a imparcialidade o guiar, não poderá deixar de se conformar com a veracidade da minha proposição.

Encerra aquella bibliotheca nos 5,466 auctores de que tracta, não menos de 2,968 que são ecclesiasticos, sendo d'estes 2,652 pertencentes a ordens religiosas, e os 316 que sobram para os 2,968, comprehendem 37 inquisidores apostolicos, 41 confessores regios, 63 prégadores regios etc.

Publicaram estes escriptores de 1489 a 1785, que éla epocha que abrange a bibliotheca lusitana, 4,126 obras, das quaes: Theologia ascetica, mistica, escolastica, parenetica ou sermões, catechetica, polemica etc. 2,977: santos padres, vidas de Nossa Senhora, vidas de santos e santas, 468: historia ecclesiastica e jurisprudencia canonica 681. N'estas publicações houveram perto de 400 que mereceram as honras de uma, duas, e até de sette edições. Veio a ser nos 297 annnos que vão desde 1489 a 1786, perto de 14 obras por anno, muitas d'ellas in folio de muitos volumes.

Uma instillação mensal e quotidiana, por assim dizer, no intellecto do povo de Portugal, por uma serie de gerações sem interrupção, de ideas pela maior parte vans e que tendião a affastal-o inteiramente das coisas d'este mundo, para só cuidar das que eram pseudo religiosas, não admira que trouxesse de rezultado, a ausencia absoluto de elementos para calculos que interessem a nossa economia e a nossa administração pública.

Estas razões, parece-me, são bastantes, para se não podêrem apresentar sôbre o assumpto de que me vou occupar senão conjecturas. Mas podendo éstas assim mesmo ser de alguma utilidade porque tendem a chamar a attenção sôbre um ponto que é muito importante, vou proceder á sua exposição.

Diz Navier nas suas *Considerações sôbre a Policia da Recovagem e conservação das estradas*, obra publicada em 1835, referindo-se a Dutens, que a totalidade, dos productos annuaes da França, quer de agricultura, fabricas, ou commercio de importação, poderão subir a 173 milhões de toneladas.

D'estas, continuam os dois AA. 127 milhões são commummidas sôbre o logar, 5 milhões são transportadas pelas estradas reaes, e 21 milhões vão pelos roteiros travessos.

Para se podêr fazer applicação d'estes dados a Portugal convem estabelecer a proporção territorial, popular e economica entre os dois paizes.

A proporção territorial da França com Portugal, tendo a primeira 213 838 milhas inglezas quadradas, e o segundo 36,510 ditas, é de 0,17 contra a unidade, ou 17 contra 100, ou 1 contra 6.

Pelo recenseamento de 1841 tem a França a população de 34;230,178 almas, e Portugal pelo recenseamento tambem de 1841, tem 3,396,972 almas. A razão de uma para a outra está portanto proximamente de 1 para 0,09, ou de 100 para 9 ou de 11 para 1. A razão da população por milha quadrada em França é de 160, e em Portugal de 93 habitantes por cada milhas quadrada.

Em novembro de 1840, preleccionando o Barão C. Dupin, no conservatorio real das artes e officios, sobre a estatistica, disse elle, que a renda individual por dia, tomando toda a população em massa da França seria de 80 centimos por alma, isto é, 128 réis. Computava elle todo o rendimento em 10,000,000,000 de francos, e a população em 34 milhões. Se a nossa riqueza fosse a dos francezes, nós deveriamos ter de renda 145,454 contos 545$440 réis. Ninguem dirá porém que nós podêmos hombrear com a nação cuja industria se acha desinvolvida a par das mais adiantadas, e que só póde ser excedida pela Inglaterra, e em alguns ramos, pela Republica dos Estados-Unidos da America. Se nós pozermos pois 40 réis por individuo para Portugal, eu creio que não distaremos muito da verdade. N'estes calculos a margem é muito grande, e é admittida por todos os escriptores que mais se tem dedicado a taes materias.

(Continúar.)

Claudio Adriano da Costa.

—

A redacção da REVISTA agradece a importante collaboração do Sr. C. A. da Costa, a quem os vastos estudos sôbre statistica, economica pública e arithmetica social, teem adquirido um logar tão eminente n'estas especielidades que o tornariam distincto mesmo nos paizes mais adiantados n'estes ramos importantes dos conhecimentos humanos, que hoje constituem a base da sciencia applicada á prosperidade pública.

—

PARTE LITTERARIA.

VIAGENS NA MINHA TERRA.

CAPITULO VI.

Prova-se como o velho Camões não teve outro remedio senão misturar o maravilhoso da mythologia com o do christianismo. — Da-se razão, e tira-se depois, ao padre José Agostinho. — No meio d'estas discepções academico-litterarias vem o A. a descobrir que para tudo é preciso ter fé n'este mundo. Diz-se *n'este mundo*, porque, quanto ao outro ja era sabido. — Os Lusiadas, Fausto e a Divina-Comedia — Desgraça do Camões em ter nascido antes do romantismo. — Mostra-se como a Stygo e o Cocyto sempre são melhores sitios que o Inferno e o Purgatorio. — Vai o A. em procura do Marquez de Pombal, e dá com elle nas ilhas Beatas do poeta Alceu — Partida de Wist entre os illustres finados. — Compaixão do marquez pelos pobres homens de Ricardo Smith e J. B. Say. — Resposta d'elle e da sua luneta ás perguntas peralvilhas do A. — Chegada a este mundo e ao Cartaxo.

79 O mais notavel, e não sei se diga, se continuarei, ao menos, a dizer, o mais indesculpavel defeito que até aqui esgravataram criticos e zoilos na Illiada dos povos modernos, os immortaes *Lusiadas*, é sem dúvida a heterogenea e heterodoxa mistura da theologia com a mythologia, do maravilhoso allegorico do paganismo, com os graves symbolos do christianismo. A fallar a verdade, e por mais figas que a gente queira fazer ao padre José Agostinho — ainda assim! vêr o padre Baccho revestido *in pontificalibus* deante de um retabulo, não me lembra de que santo, dizendo o seu *dominus vobiscum* provavelmente a algum acholyto bacchante ou corybante, que lhe responde o *et cum spiritu tuo!*... não se póde; é uma que realmente...... E então aquelle famoso conceito com que elle acaba, digno da Phenix-Renascida.

O falso deus adora o verdadeiro!

Desde que me intendo, que leio, que admiro os Lusiadas; interneço-me, chóro, ensoberbeço-me com a maior obra de ingenho que ainda appareceu no mundo, desde a *Divina-Comedia* até ao *Fausto*...

O italiano tinha fé em Deus, o allemão no scepticismo, o portuguez na sua patria. E' preciso querer em alguma coisa para ser grande — não só poeta — grande seja no que fôr. Uma Brizida velha que eu tive, quando era pequeno, era famosa chronista de historia da carochinha, porque sinceramente cria em bruxas. Napoleão cria na sua estrella, Lafayette creu na republica-rei de Luiz Philippe, e, para que ousemos tambem *celebrare domestica facta*, todos os nossos grandes homens ainda hoje creem, um na junta do credito, outro nas classes inactivas, outro no mestre Adonirão, outro finalmente na belleza e realidade do systema constitucional que felizmente nos rege.

Mas aquellas crenças são para os que se fizeram grandes com ellas. A um pobre homem o que lhe fica para crer? Eu, apezar dos criticos, ainda creio no nosso Camões: e sempre cri.

E comtudo, desde a edade da innocencia em que tanto me divertiam aquellas batalhas, aquellas aventuras, aquellas historias d'amores, aquellas scenas todas, tam naturaes, tam bem pintadas — até esta fatal edade da experiencia, edade prosaica em que as mais bellas creações do espirito parecem macaquices deante das realidades do mundo, e os nobres movimentos do coração chymeras de enthusiastas — até ésta edade de saudades do passado e esperanças no futuro, mas sem gosos no presente — em que o amor da patria (tambem isto será phantasmagoria?), e o sentimento intimo do *bello* me dão na leitura dos Lusiadas outro deleite diverso, mas não inferior ao que n'outro tempo me deram — eu senti sempre aquelle grande defeito do nosso grande poema: e nunca pude, por mais que buscasse, achar-lhe, justificação não digo — nem siquer desculpa.

Mas até morrer aprender, diz o adagio: e assim é. E tambem é aphorismo de moral applicavel outrosim a coisas litterarias: que para a gente achar a desculpa aos defeitos alheios, é considerar — e pôr-se uma pessoa nas mesmas circumstancias, ver-se involvido nas mesmas difficuldades.

Aqui estou eu agora dando toda a desculpa ao pobre Camões, com vontade de o justificar, e prompto (assim são as charidades d'este mundo) a sahir a campo de lança em reste e a quebral-a com todo o antagonista que por aquelle fraco o atacar. — E porque será isto? Porque chegou a minha hora; e — *si parva licet componere magnis* (a bossa proeminente hoje é a latina), aqui me acho com este capitulo nas mesmas difficuldades em que o nosso bardo se viu com o seu poema

Ja preveni as observações com o texto acima: bem sei quem era Camões, e quem sou eu; mas tracta-se da *intalacão*, que é a mesma, apezar da differença dos intalados. O auctor dos Lusiadas viu-se intalado entre a crença do seu paiz e as brilhantes tradicções da poesia classica que tinha por mestre e modêlo.

Não havia ainda então romanticos, nem romantismo, o seculo estava ainda muito atrazado.

As odes de Victor Hugo não tinham ainda desbancado as de Horacio; achavam-se mais lyricos e mais poeticos os esconjurios de Canidia, do que os pesadelos de um inforcado no oratorio; chorava-se com os *Tristes* de Ovidio, porque se não lagrimejava com as meditações de Lamartine. Andromacha despedindo-se de Heitor ás portas de Troya, Priamo supplicante aos pés do matador do seu filho, Hellena luctando entre o remorso do seu crime e o amor de Páris, não tinham ainda sido eclipsados pelas declamações da mãe Eva ás grades do paraizo terreal. O combate de Achilles e Heitor, das hostes argivas com as troianas, não tinha sido mettido n'um chinello pelas batalhas campaes dos anjos bons e dos anjos maus á metralhada por essas nuvens. Dido chorando por Eneas não tinha sido reduzida a donzella choramigas d'Alfama carpindo pelo seu *Manel* que vae para a India...

Realmente o seculo estava muito atrazado: Milton não se tinha ainda sentado no logar de Homero, Shakspeare no de Euripedes, e lord Byron acima de todos: emfim não estava ainda anglizado o mundo; portanto *a marcha do intellecto* no mesmo terreno, é tudo uma miseria.

Ora pois, o nosso Camões, creador da epopea — e depois do Dante — da poesia moderna, viu-se atrapalhado; misturou a sua crença religiosa com o seu credo poetico e fez, *tranchons le mot*, uma semsaboria.

E aqui direi eu com o vate Elmano:

> Camões, grande Camões, quam similhante
> Acho teu fado ao meu quando os colejo!

Vou fazer outra semsaboria eu, n'este bello capitulo da minha obra prima. Que remedio! Preciso fallar com um illustre finado, preciso de evocar a sombra de um grande genio, que hoje habita com os mortos. E onde irei eu? Ao inferno? Espero que a divina justiça se apiedasse d'elle na hora dos ultimos arrependimentos. ¿Ao purgatorio, ao empyreo? Apezar do exemplo da *Divina Comedia*, não me atrevo a fazer comedias com taes logares de scena, — e não sei, não gósto de brincar com essas coisas.

Não lhe vejo remedio, senão recorrer ao bem parado dos Elysios, da Styge, do Cocyto e seu termo: são terrenos neutros em que se póde parlamentar com os mortos sem comprometimento serio, e....

Eis-me ahi no êrro de Camões — e nas unhas dos criticos; e as zagunchadas a ferver em cima de mim, que fiz, que aconteci....

Mas, senhores, ponderem, venham ca: o que hade um homem fazer? O Dante não sei que giria teve que baptisou Publio Virgilio Marão para lhe servir de cicerone nas regiões do inferno, do paraizo e do purgatorio christão, e teve tam boa fortuna que nem o queimou a Inquisição nem o descompoz a Crusta, nem siquer o mutilaram os censores, nem o perseguiram delegados

. . . .
. . . .

O Dante foi proscripto e exilado, mas não se ficou a escrever, deu catanada que se regallou nos inimigos da liberdade da sua patria.

Quem dera cá um batalhão de poetas como aquelle!

Que fosse porém um triste vate de hoje escrever no seculo das luzes o que escrevia o Dante no seculo das trevas! Os proprios philosophos gritavam: Que escandalo! Atheus professos clamavam contra a irreverencia; gentes que não teem religião, nem a de Mafoma, bradavam pela religião: entravam a pôr carapuças nas cabeças uns dos outros, cahiam depois todos sôbre o poeta, e — se o não podessem inforcar, pelo menos declaravam-n'o republicano, que dizem elles que é uma injuria muito grande.

Nada! viva o nosso Camões e o seu maravilhoso mistiforio; é a mais commoda invenção d'este mundo: vou-me com ella, e ralhe a crítica quanto quizer.

Quero procurar no reino das sombras não menor pessoa que o marquez de Pombal: tenho que lhe fazer uma pergunta séria antes de chegar ao Cartaxo. E nós ja vamos por entre as ricas vinhas que o circundam com uma zona de verdura e alegria. Depressa o ramo de oiro que me abra ao pensamento as portas fataes — depressa a unctuosa sopetarra com que heide atirar ás tres gargantas do canzarrão. Vamos...

Mas em que districto d'aquellas regiões acharei eu o primeiro ministro d'el-rei D. José? Por onde está Ixion e Tantalo, por onde demora Sysipho e outros maganões que taes? Não; esse é um bairro muito triste, e arrisca-se a ter por administrador algum escandecido que me atice as orelhas.

Nos Elysios com o pai Anchises e outros barbaças classicos do mesmo jaez? Eu sei? tambem isso não. Ha-de ser n'aquellas ilhas bemaventuradas de que falla o poeta Alceu e onde elle poz a passear, por eternas verduras, as almas tyrannicidas de Harmodio e Aristogiton...

Oh! ésta agora!... Sebastião José de Carvalho

e Mello, conde de Oeiras, marquez de Pombal, de companhia com os seus inimigos politicos!... Ahi é que se inganam; não ha amigos nem inimigos politicos em se largando o mando e as pretenções a elle. Ora passados os umbraes da eternidade, é de fe que se não pensa mais n'isso. C. J. X., que morreu a assignar uma portaria, ja tinha largado a penna quando chegou alli pelos *Prazeres*; quanto mais!...

O homem hade estar nas ilhas *beatas*. Vamos lá.

E eil-o alli: lá está o bom do marquez a jogar o wist com o barão de Bidefeld, com o imperador Leopoldo e com o poeta Diniz. A partida deve de ser interessante, talvez aposta essa gente toda — esses manes todos que estão á roda. Que cara que fez o marquez a um finadinho que lhe foi metter o nariz nas cartas! Quem havia de ser! O intromettido de mr. de Talleyrand. Estava-lhe cahindo. Mas não viu nada: o nobre marquez sempre soube esconder o seu jôgo.

A mim é que elle ja me viu. 'Que diz? Ah!... Sim senhor, sou portuguez; e venho fazer uma pergunta a V. Ex.ª esclarecer-me sobre um ponto importante.'

Deitou-me a tremenda luneta.

— 'Para que mandou V. Ex.ª arrancar as vinhas do Riba-Tejo?'

Apertou a luneta no sobrôlho e sorriu-se.

— 'Ellas ahi estão centuplicadas, que até já invadiram o pinhal de Azambuja. Fez V. Exa. um despotismo inutil; e agora...'

'Agora quem bebe por lá todo esse vinho?'

Não sabía o que lhe havia de responder. Elle sacudiu a cabelleira de anneis, virou-me as costas; deu o braço a Golbert, passou por pé de Smith e de J. Baptista Say, que estavam a disputar, encolheu os hombros em ar de compaixão, e foi-se por uma alameda muito viçosa que ia por aquelles deliciosos jardins dentro, e sumiu-se da nossa vista.

Eu surdi ca neste mundo, e achei-me em cima da azemola, ao pé do grande café do Cartaxo.

A G.

(Continúa.)

MEMORIAS SOBRE TOPOGRAPHIA PORTUGUEZA. *

80 Antes de entrar em materia, advertiremos, que, sempre desconfiados de nossas fôrças, havemos submettido este artigo á revisão e erudita censura dos nossos amigos: os Srs. coronel Franzini e Dr. Filippe Folque, e que foi, animados por ambos, que nos arriscámos á sua publicação.

Tambem nos confessâmos agradecidos ao Exm.º Sr. coronel José Jorge Loureiro, por nos haver franqueado algumas cartas, que apenas na sua mão incontrámos.

Principiaremos a nossa tarefa pelas cartas hispanholas, porque principalmente duas, são as fundamentaes de que procedem quasi todas as que se tem publicado; e assim reconhecerão nossos leitores na propria fonte, as considerações que teem de acompanhar todas as cartas que d'ellas se derivam.

1.º — O 'atlas' por provincias levantado desde 1765 a 1798 por D. *Thomaz Lopes y Vargas*, geographo do Rei, membro da academia de S. Fernando, e d'Historia etc. Compõe-se de 103 folhas, que produzem 44 cartas, que algumas vezes repetem as mesmas provincias. Variam a escala desde $\frac{1}{150000}$ a $\frac{1}{660000}$. Não se fundam em bases geodesicas, mas em algumas observações astronomicas locaes. São apenas a compilação de documentos particulares graphicos ou descriptivos, ministrados ao auctor pelos bispos, corregedores, parochos etc., por elle submettidos a uma especie de critica, e cuidadosamente indicados á margem d'estas cartas: exemplo que deveria ser geralmente observado para qualquer graduar a confiança que deve conferir.

As cartas de Lopes compostas de materiaes disparatados, e muitas vezes equivocos, carecem de unidade. O curso das aguas não é indicado por maneira uniforme, e por vezes não seguem em cartas contiguas, a mesma direcção. Tambem os signaes de convenção variam em cada carta: as proprias divisões territoriaes nem sempre apresentam identidade de contôrno. Posto que as communicações pareçam geralmente traçadas, as montanhas indicadas, como na antiga geographia, não apresentam uma idêa clara do relevo do terreno. — As cartas da Mancha, Extremadura, Cuenca, Murcia, Avila, Navarra, e Aragão parecem as menos correctas, e mostram uma geographia apenas esboçada e duvidosa.

Ainda que este atlas seja imperfeito, deve comtudo haver custado muito trabalho, e serve de fundamento a todas as cartas da Peninsula, tanto publicadas em Hispanha como fóra d'ella — Os seus exemplares são raros. Outras cartas do mesmo auctor, excepto uma em quatro fôlhas reduzida do seu atlas, contém algumas plantas das cidades principaes.

2.º — O *Derotero de las costas espanolas*, ou cartas maritimas das costas d'Hispanha, feitas desde 1786 a 1789 pelo brigadeiro *D. Vicente Fofino de S. Miguel*, director da eschola dos guardas-marinhas. São 10 ao todo, 8 d'Hispanha, 1 de Portugal, e outra das Baleares. As suas escalas veriam entre $\frac{1}{109400}$ a $\frac{1}{256200}$. Referem-se a 5 differentes meridianos, isto é a Paris — Tenerife — Cadiz — Ferrol — e Carthagena. Encontram-se differenças consideraveis, tanto a respeito dos dados contidos no *Connaissance des temps*, como a respeito da boa carta franceza do Mediterraneo, do capitão *Gauthier*, e da hydrographia do Sr. *Franzini*. Todavia, como são o resultado de observações astronomicas, apresentam o melhor contorno das costas d'Hispanha. Em uma serie de 21 outras cartas mostra todos os portos, bahias, e enseadas notaveis. Emfim, uma carta geral na escala proxima de $\frac{1}{200000}$ abraça

* Continuado de pag. 57.

toda a Peninsula, e parte do Mediterraneo até ás ilhas d'Italia. Foi publicada em 1802, pela Direcção da marinha.

3.° — A *Academia de la historia* publicou em 1811 uma carta d'Hispanha em duas folhas na escala de $\frac{1}{160000}$ com um mappa d'altitudes, ou elevações acima do mar, de varios pontos d'aquelle reino, acompanhado de quadros statisticos do recenseamento feito em 1799 a 1803. Uma edicção d'esta carta dá a divisão tentada no reinado de José Bonaparte em 15 govêrnos militares, 38 perfeituras, e 111 sub-perfeituras.

4.° — *Mappa geral dos caminhos d'Hispanha e Portugal*, por Dufour, com as novas provincias, e que serve de continuação ao atlas nacional d'Hispanha — París, 1840. Aquelle atlas compõe-se das cartas parciaes da Andaluzia, Baleares, Catalunha, Castella, Valença, Aragão, Leão, Navarra, Extremadura, Galliza, e Murcia. O seu systema topographico e orographico são bons. Parece uma reproducção, da carta fraceza de que logo fallaremos.

5.° — O reino de Valencia, por D. *João José Carbonnel*, na escala de $\frac{1}{480700}$ projectada sôbre o meridiano de Valencia, em uma folha.

6.° — Outra do mesmo reino, em uma folha, por *Cavanillas*.

7.° — A Catalunha por *Apparici*, em 1763, quatro folhas.

8.° — O Aragão, por *Laban*, 1777, em seis folhas.

Estas tres ultimas, são de pouco momento.

CARTAS INGLEZAS.

9.° — A de *Stockdall* publicada por *Arrowsmith* em dôze folhas, na escala de $\frac{1}{800000}$. é compilada com pouca crítricia da de *Lopes*, e mal gravada.

10.° — De *Gaspar Nantial* publicada em 1810, por *Taden*, em quatro folhas na escala de $\frac{1}{875000}$, tirada das de *Lopes*, e *Tofino*, correcta pelas cartas, e itenerarios até então publicados, sendo os reconhecimentos do general Rainsford os apontamentos de que mais se valeu a nosso respeito: mediocremente gravada, e um tanto confusa, porém seduz pelo seu bom papel é tiragem. Em uma nota declara as fontes a que recorreu: e estimada.

11.° — A carta de *Faden* por este publicada em Londtes, em 1820. E' como uma versão dos atlas hispanhoes que acima mencionámos; em quatro folha na escala de $\frac{1}{746300}$ O seu systema orographico em cadeias contínuas como a precedente, lhe deu sôbre ella mais reputação.

12.° — De *Wyld*, ou mappa d'Hispanha e Portugal, descrevendo as estradas, rios, e cadeias de montanhas, posições militares, e os logares das principaes batalhas, e acções da guerra da Peninsula; corrigido e augmentado em 1829; quatro grandes folhas, escala de uma polegada por cada 10 milhas. O auctor tem estado por muitos annos empregado como geographo, na repartição do quartel-mestre general inglez, e alli tem consultado os melhores documentos.

N. B. M. *Wyld* tem publicado igualmente 50 cartas de differentes operações, movimentos, batalhas, e sitios emprehendidos pelos alliados na guerra da Peninsula; fundadas nos documentos officiaes existentes nos archivos inglezes; sendo as mais geraes, na escala de uma polegada por cada 4 milhas, e as especiaes na de 4 polegadas por cada milha, ou 12 por cada uma de nossas leguas.

Estes exemplares servem frequentemente de modelo nas escholas militares inglezas.

CARTAS ALLEMANS.

13.° — De *Artaria*, anterior á data que tem de 1808. E' uma cópia da pouco exacta franceza de *Mentlelle* de que fallaremos, e sem credito.

14.° — Atlas de *Gussfeld*, publicado em Nuremberg desde 1781 a 1812. Apresenta em diversas escalas a carta geral d'Hispanha e a de Portugal, cada uma em sua folha. A Castella oriental e a occidental, Burgos, Soria, Segovia e Avila, Leão Valladollid, Galliza, Asturias, provincias Vasconças, Aragão, Navarra, Catalunha, Baleares, Valencia, Murcia, Cordova etc. bahia de Gibraltar, norte de Portugal, e sul d'este, sendo ao todo 26. Contém quasi todas as nomenclaturas e divisões das de *Lopes*, de que apenas é uma reducção, mais emquanto ao volume do que á escala, sendo-lhe inferior no demais.

15.° — O *Instituto geographico de Weimar* tambem publicou em 6 folhas uma soffrivel carta d'Hispanha e de Portugal, que não havemos alcançado vêr.

CARTAS FRANCEZAS.

16.° — A Hispanha segundo a extensão de todos os reinos comprehendidos sob os corôas de Castella, Aragão, e Portugal, por *Hubert Jaillot*, em quatro folhas, 1716, e coherente á geographia d'aquella epocha.

17.° — Carta do Aragão por *Danville*, París 1719, quatro folhas.

18.° — Dita geral dos montes Pyrineus, por *Roussel*, em oito folhas da escala do $\frac{1}{214964}$. Seu auctor adverte que so foi methodicamente levantada a parte franceza e a Guipuscoa. A parte até ao Ebro foi extrahida dos antigos documentos. Parece ter sido feita no meiado do seculo passado. Está orientada ás vessas, isto é com o norte para baixo, e não traz projecção alguma astronomica.

19.° — Carta d'Hispanha e de Portugal, por *Mentelle*, 1799, em oito pequenas folhas, na escala do $\frac{1}{994973}$. É bem gravada mas tão mal construida como o de *Jaillot*, e parece haver servido de base á *d'Artaria*.

20.° — Dita — por *Dezauche*, em quatro folhas, é uma má cópia da antecedente.

21.° — Carta dos caminhos de posta, e etinerarios d'Hispanha e Portugal, por Carlos Piquet, uma folha na escala do $\frac{1}{2429000}$ Arranjada por *Lapié* em 1810 para a guerra d'aquella epocha, revista e melhorada em 1822, e augmentada com a descripção das 52 provincias decretadas pelas côrtes d'então. Esta pequena carta mui bem gravada, offerece por modo claro todos os caminhos, poisadas, logares principaes, distincções das provincias restabelecidas por Fernando VII., emfim os suburbios de Madrid em um quadrete á parte. Para quem não precisar minuciosos detalhes topographicos, mas do bem figurado orographico, ésta carta é excellente vade-mecum.

22 — A carta d'Hispanha e Pórtugal, uma grande folha, por *Lapie*, na escala de $\frac{1}{1960000}$. Foi publicada em 1822 por *Basset*.

23 — N'este mesmo anno M. H......, discipulo de M. *Noble*, publicou em uma folha, outra carta geral da Peninsula, em pequena escala, e pouco correcta.

24 — Ainda que se não incontra em separado, mencionaremos a carta physica d'Hispanha que adorna a obra de M. de *Laborde*. É de uma folha, na escala de $\frac{1}{4353000}$, e feita pelo coronel *Bory de Saint-Vincent*. A hydrographia, e a orographia da Peninsula, alli estão menos mal detalhadas, mas a sua expressão physica é a mais regular que existe.

25 — Mappa civil e militar d'Hispanha e Portugal, por *Donnet*, inriquecido com as plantas de 34 cidades, e portos principaes: publicado em Paris, no anno de 1824, por *Danty e Maló*, construida na escala de $\frac{1}{1500000}$, e sôbre a projecção modificada de *Flamsteed* que se usa em França no *Dèpot de la guerre*: funda-se na determinação a priori de perto de 300 pontos tirados das taboas astronomicas e trignometricas de *Antillon*, do *Connaissance des temps*, das *Ephemerides de Gotha*, e das operações trignometricas entre nós feitas pelo Sr. *Ciera*. As obras de *Lopes*, *e Tofino* lhe serviram de auxilio; e M. de *Humbold* a inriqueceu tambem de alguns documentos e determinações astronomicas e barometricas, além de dois perfis transversaes da Hispanha, um desde os pyrineus a Malaga, e o outro de Valencia á Corunha. O desenho e a parte orografica são bons, e os generaes *Dalle e Andréossy*, assaz conhecedores da Peninsula, coadjuvaram ésta empreza, com as suas luzes. É das melhores cartas a consultar.

26 — Cartas d'Hispanha e Portugal, segundo a nova divisão civil e politica, pelo mesmo *Dotenn*, na escala de $\frac{1}{1500000}$, em uma folha, 1823. Sem ser uma reducção da precedente, foi construida sob os mesmos auspicios, e é superior a todas as cartas de uma so folha. N'ella se vê applicada á topographia a gravura polychroma, sendo a parte orografica com aquatinta de bistre, e sôbre ésta, em preto, a indicação de muitos dtalhes.

27 — O mesmo *Donnet* em 1823 inriqueceu uma carta da Peninsula, por *Orgiazzi*, na boa escala de $\frac{1}{344800}$, com as plantas de Madrid e Lisboa, n'esta mesma escala.

28 — Carta itenerarìa d'Hispanha e Portugal, publicada em 1823 pelo *Dèpot de la guerre*, em dezeseis folhas, por ordem do govêrno. É cópia, ou antes na mesma escala da de *W. Faden*, mas inriquecida de todos os esclarecimentos existentes n'aquella repartição. Feita por occasião da interferencia franceza: não foi de principio senão iteneraria, e contendo os logares principaes; mas depois se foi gradualmente preenchendo, corregindo, e desenhando segundo as investigações dos officiaes do estado-maior que estiveram na Peninsula; em resultado das quaes se fez outra edição, que é a mais procurada.

29 — O mesmo *Dèpot* etc. publicou tambem em 1827 uma carta d'Hispanha septentrional, isto e, dos Pyreneus até Madrid na escala de *W. Faden* É em dôze folhas, e continuação da de França por *Capitaine*.

30 — Mappa d'Hispanha e Portugal, 'ó nuevo atlas compuesto em 63 hojas,' por *D. Maria Antonio Calmet Beauvoisin* etc.: promettido desde 1818, so tem sido publícada uma pequena parte, que desdiz das riquezas promettidas no programma. Existe em separado um indicador do ajuntamento das folhas annunciadas.

31 — Carta d'Hespanha e Portugal por *Vivien*, em duas folhas, segundo as cartas de *Lopes*, *Faden*, e do *Dèpot de la guerre*, Paris 1831, e revista em 1834. Tem em separado uma carta da bahia de Cadiz. É das melhores cartas das publicadas, em duas folhas, posto que de pequena escala para usos militares.

CARTAS BELGAS.

32 — A Hispanha (contendo Portugal), em dezeseis folhas na escala de $\frac{1}{600000}$, isto é, maior que a do *Dèpot*; publicada pelo estabelecimento geographico de Bruxelas, fundado por *Vander Maelen*, sem data mas que se julga de 1835 a 37. A parte topographica, e orographica estão sufficientemente indicadas, posto que o desenho não seja muito egual, e senão indiquem as auctoridades em que se funda como era de apetecer. Tem um quadro de ajuntamento para as folhas, e é das melhores que se podem alcançar.

Continúa.

A. Xavier Palmeirim.

VARIEDADES.

O MEZ D'AGOSTO.

81 E' este um mez respeitavel, querido e apreciado: o seu signo é a *virgem*. O mesmo astrologo que citámos, em referencia ao mez de julho, diz o seguinte das senhoras que nascem debaixo da influencia d'este signo adoravel.

> A que n'este signo nasce
> Tem belleza e tem candura:
> Da riqueza os dões não goza,
> Mas é meiga como é pura.

Ja se vê pois que as *felizes* que nascerem n'este formoso mez não hão de morrer solteiras, em quanto no mundo houver bom-gôsto e se presarem as qualidades naturaes sôbre os accidentes da fortuna...

Este mez tem 31 dias. A sua lua começou a 4 de julho e acabará no seu dia 2. Os dias diminuem 32 m. de manhan e 32 m. de tarde. O dia maior é o 1.º que tem 14 horas. No dia 1 nasce o sol ás 4 h. 57 m., põe-se ás 7 h. 3 m.: no dia 31 nasce ás 5 h. 29 m., põe-se ás 6 h. 31 m.

No nosso clima é este o mez mais quente do anno: ainda que os *antigos* diziam: 'primeiro d'agosto primeiro de inverno' porque o sol ja tem descido muito, e de ordinario é n'este mez que começam as chuvas, chamadas pelos homens do campo 'primeiras aguas' N'este mez se completam as colheitas: é o mais abundante de todos os do anno, e talvez o mais alegre tambem para toda a classe de gente, porque quasi tudo lhes é de prazer e sabe *a gôsto*, como o nome d'elle.

N'este mez celebravam os gregos os jogos nemeus, de tres em tres annos, e os mysterios de Baccho. Em Babylonia, na Media e Armenia, festejava-se a deusa Sacca por seis dias consecutivos. Os rodios tinham a festa das andorinhas, e os egypcios a de Harpocrates. O dia das calendas era pelos romanos consagrado á esperança, e faziam-se os jogos em honra de Marte: celebravam tambem em agosto a festa de Ceres, a do sol, a das escravas, a dos caçadores, a dos cães e muitas outras, entre as quaes se distinguia a que as damas romanas iam celebrar fóra da porta collina...

EPHEMERIDES.

3, Proscripção dos jesuitas (1759) — 4, Infeliz ba-

talha de Alcacer-kibir (1578) — 10, Descoberta da ilha de S. Lourenço por Tristão da Cunha (1506) — 14, gloriosa batalha de Aljubarrota (1385) — 15. Instituição da irmandade da Misericordia de Lisboa (1498) 21, Conquista de Ceuta (1415) — e batalha do Vimeiro (1808) — 22, Reforma da era de Cesar (1460) — 25, Victoria do Duque d'Alva sobre o Prior do Crato (1586.)

CORREIO EXTRANGEIRO.

82 A administração da Bibliotheca-real de Paris preveniu do seguinte: «Todo o requerimento para obter licença de COPIAR na *totalidade* ou em parte algum manuscripto da Bibliotheca-real, deve ser feito ao director para que elle, ouvindo o parecer do Conservatorio, o transmitta ao ministro d'instrucção-pública; ao qual só compete o direito de conceder a licença.

Parece que se vai estabelecer uma linha de vapores entre os Estados-Unidos, Inglaterra e França. Os vapores serão construidos de maneira que no caso de precisão possam incorporar-se á marinha de guerra americana. A empresa é de uma companhia recentemente formada em New-York com o nome de 'Atlantic steam navigation Company.'

O superior da ordem dos jesuitas em Roma ordenou a todas as casas da companhia que existiam, actualmente em França, que se dissolvessem, renunciassem aos noviciados, e procedessem á venda dos seus bens de raiz. Esta resolução foi tomada em consequencia das considerações mandadas expôr pelo govêrno francez a sua santidade.

A exposição da sociedade real de horticultura em Pariz, devia celebrar-se a 10 ou 12 d'este mez, e a sessão geral da destribuição das medalhas no domingo seguinte. Esta exposição em que brilham os melhores productos da horticultura, atrahe sempre grande número de curiosos.

Os jornaes russos continuam a registrar as desgraças produzidas no norte pela dissolução do gêlo. Contam-se aos centos as pessoas geladas principalmente nos campos. Muitos d'estes accidentes tem sido acompanhados de circumstanciss singulares: na Polonia, por exemplo, todo um cortejo de noivos, no meio das danças e da alegria, foi tomado pela congelação, e mais de quarenta pessoas morreram da morte que, segundo se diz, menos se sente.

As universidades allemans teem conservado sempre o direito de dar a sua opinião em todas as grandes questões de ordem, politicas ou religiosas, quer seja espontaneamente quer consultadas pelo govêrno, e o seu voto é tomado em grande consideração. Talvez que os leitores se recordem de ler na REVISTA que uma companhia ingleza se propunha a fazer construir as estradas de ferro que se projectam no reino de Wurtemberg; mas a universidade de Tubingue acaba de publicar uma deliberação a este respeito, em que declara: que é sempre mau conceder grandes linhas-ferreas a companhias particulares; que este mal é singularmente aggravado quando estas Companhias são extrangeiras; mas que se tornaria em verdadeira loucura quando estes extrangeiros são inglezes (!)

Está estabelecida em Paris uma associação de fabricantes, cujo fim é adoptar todos os orphãos pobres, ensinar-lhes officios, dirigil-os, e governal-os até serem homens feitos. O bem conhecido barão C. Dupin leu, na sua última reunião, um discurso que commoveu muito o auditorio. Os meninos-orphãos assistiram, e cantaram differentes côros o melhor que se podia desejar. Organisou-se logo uma loteria a favor d'esta Obra-pia, e o numeroso concurso sahiu satisfeito d'esta interessante solemnidade.

O ministro das finanças em França fez publicar o quadro geral das propriedades do Estado, em referencia ao 1.° de janeiro do corrente anno. O seu valor aproximado é de mil duzentos e oitocentos e nove milhões de francos: mais de 792 milhões é o valor das florestas nacionaes.

A Austria é, como se sabe, a grande cidadella do jesuitismo na Europa: de todos os reinos governados pelo seu imperador ha um só que não tem sido invadido pelos jesuitas, é o da Hungria. Apezar de todos os esforços d'elles a dieta hungara não tem querido revogar o seu decreto de proscripção. N'este caso os jesuitas, vendo que nada faziam com os homens tentaram ver se por intervenção das mulheres conseguiriam a sua reintegração. Como quer que seja, descubriu-se na cidade de Presburgo uma reunião clandestina de certo numero de mulheres em casa de um tal padre Rosenkranz que lhes inspirava com seus discursos um mysticismo exaltado, promettendo ás mais doceis de as fazer chegar a podêr de orações ao estado de extasi e ao dom de prophecia. A policia porém que em parte nenhuma quer prophetas, dissolveu estas reuniões e mandou sahir do paiz o padre Rosenkranz.

A exposição dos productos da industria polaca devia faser-se em Varsovia por todo este mez de julho. O governo da Russia fasia todos os esforços para que os mercadores de Moscou e de S. Petersburgo mandassem as suas fasendas á exposição: deram-se todas as providencias para que os transportes custassem o menos possivel aos expoentes.

Um congresso agricula se devia celebrar o mez passado em Breslau; os mais celebres agronomos inglezes, francezes e hungaros que se acham viajando na Prussia foram convidados para esta reunião.

CORREIO NACIONAL.

83 A Festa de San Sebastião na freguezia de Bemfica, celebrou-se este anno, como de costume, nos dias 27 e 28 do corrente; notou-se porém um concurso muito mais numeroso, tanto da cidade como das freguezias ruraes circumvizinhas. Não nos consta que houvesse incidente desagradavel.

A caixa-economica da Companhia 'Confiança nacional' recebeu 6:185$400 reis de quarenta depositantes, sendo 22 novos, na semana de 20 a 26 do corrente.

O Sr. José Nunes Corrêa, residente na Povoa da Ribeira-Sardeira, concelho da Certan, escreve á REVISTA pedindo que dêmos a noticia de que uma sua irman que padecia gravemente de uma solitaria, em vão combatida pela medecina, viera a ésta cidade, rua dos Fanqueiros n.° 36 — 1.° andar, consultar o incarregado da applicação do remedio do Sr. Oliveira contra a tenia (de que muitas vezes se tem fallado n'este jornal), e que felizmente acaba de ser extrahida completamente: e isto deseja o Sr. Corrêa fazer público por philantropia e credito de tão util applicação.

A Camara-municipal de Braga publicou as contas da sua gerencia no anno findo: a sua receita produsiu 15:822$781 réis, que foram completamente absorvidos pela despeza.

O clown do 'Circo' que tem dado algumas representações no theatro do 'Salitre' está escripturado pela empresa do theatro de 'S. João do Porto', para onde partirá no principio de agosto.

A 'Alfandega-grande de Lisboa rendeu 2;111:015$452 réis no anno economico de 1844—45.

A Irmandade da Freguezia de S. Nicolau d'esta cidade está auctorisada a contractar um emprestimo de dezesseis contos para o acabamento da igreja-parochial cujas obras ja começaram ha tempo.

No dia 8 de settembro hão de ser arrematados varios bens nacionaes no districto de Lisboa: e no dia 11, nos de Lisboa, Villa-real e Vianna.

Em 25 do corrente foi achado um cadaver n'um poço da quinta do Visconde da Bahia, a S. Sebastião. O corpo estava corrupto, e calculou-se que estaria morto de oito dias. Estava descalço e em mangas de camiza; tinha bigode e suiças cerradas. Nada mais consta, por emquanto, a este respeito.

Temos presente a lista dos premios e distincções dos estudantes da Universidade, em referencia ao corrente anno. No 1.° anno foram premiados os Srs. — 1.° A. da Motta Veiga, 2.° J. C. Massa: no 2.° — 1.° C. de Seixas Moutinho, 2.° J. A. Fernandes Pinheiro: no 3.° — 1.° J. M. C. do Casal-Ribeiro, 2.° M. T. de Sousa Azevedo: no 4.° — 1.° J. da Rocha Pinto, 2.° R. J. Pimentel: no 5.° — 1.° M. M. da Silva Bruschy, 2.° A. M. do Couto-Monteiro. Sentimos que nos falte espaço para publicaar igualmente os nomes dos que mereceram o *accessit*, e dos que foram apontados como distinctos pelos respectivos professores das diversas aulas.

No dia 28 receberam o baptismo na Parochial de S. Nicolau duas cathecumenas israelitas. Houve missa de instrumental, composição do Sr. Jordani, e o templo estava completamente cheio de fieis que assistiram a ésta augusta e edificativa ceremonia.

A Companhia de seguros, 'Segurança,' da cidade do Porto, pagou dividendo na razão de 10$ réis por acção.

As últimas noticias dos Açores nada dizem d'importante. N'umas excavações em Angra tinham apparecido algumas moedas das que D. Antonio, prior do Crato, mandára cunhar quando pertendente á coroa, e que, como todos sabem, esteve algum tempo na ilha Tecreira.

No dia 23 do corrente reuniu o Conservatorio-real em sessão pública, para assistir ao concurso sôbre o provimento da cadeira de instrumentos de latão. A sessão esteve brillhante. Dois foram os concorrentes: o Sr. Gazul, 1.° trompa na orchestra de S. Carlos, e o Sr. Pinto, 1.° corneta-de-chaves da mesma orchestra, e assaz conhecido pelas suas numeresas composições. O Sr. Gazul por incommodado póde apenas tocar tres instrumentos dos cinco que foram marcados no programma; ésta circumstancia fez com que este artista ficasse considerado como fóra do concurso. O Sr. Pinto tocou excellentemente em todos os cinco instrumentos — trompa, clarim, trombone, corneta-de-chaves e phigle: todas as peças foram acompanhadas pela orchestra, e sería difficil de distinguir em qual d'ellas o illustre artista mais louvor merece — tal foi a habilidade que em todas mostrou. Os applausos do seu intelligente auditorio e dos numerosos espectadores, anteciparam a decisão do jury que unanimemente o julgou digno de occupar a cadeira de professor.

O Sr. Pinto é uma capacidade artistica que fazia falta no corpo cathedratico do Conservatorio-real: são taes e tantas as provas dos seus talentos musicos, que sinceramente nos congratulâmos por ésta adquizição d'aquelle util estabelecimento.

Espera-se a decisão do govêrno de S. M.

Temos a satisfação de annunciar para amanhã (quinta feira, 31) um bello espectaculo no Theatro da Rua dos condes'. *O tributo das Cem donzellas*, é um 'drama-opera' cuja acção interessa, e cujos accessorios são porventura os mais apparatosos que temos visto no theatro-nacional. É uma imitação do Sr. Mendes Leal, com coros e bailados, musica do Sr. Pinto, e cuja comparsaria sobe a 150 pessoas em scena. A Empresa não se poupou a despezas e esforços para apresentar um espectaculo a todos os respeitos magnifico.

— *Á última hora* — A sorte grande nem sempre faz ricos, tambem ás vezes faz desgraçados. Diz-se que hoje ao extrahir-se a loteria sahiram os 5:000$000 réis n'um n.° cujo bilhete havia sido comprado por um criado da 'Misericordia:' a exemplo d'outros muitos que assim teem ganho bom dinheiro, o nosso homem dividiu o bilhete em *cautellas*, que ainda foram subdivididas n'outras mais pequenas pelos socios; e o bilhete foi tambem vendido inteiro a um quinto, decimo, ou vigessimo comprador. A mzstificação caminhára uma maravilha, vai se não quando embirra a *sorte* em cahir no revendido n.°. O primeiro comprador desappareceu, e em quanto os signatarios das menores *cautellas* se debatem victimas d'um logro, vai o possuidor do bilhete receber impassivel o desejado premio. O caso porém é sério: isto tem acontecido mais vezes, e é necessario que a auctoridade intervenha: temos a este respeito um alvitre de que tractaremos.